

## Os anos mexicanos de Celso Furtado<sup>2</sup>

No seu livro de memórias *A fantasia organizada*, de 1985,<sup>3</sup> Celso Furtado relembra com grande riqueza de detalhes seus anos “mexicanos”. Esses anos se desdobram em dois momentos sucessivos: o primeiro é quando ele aceita dirigir um grupo de trabalho da Cepal sobre a situação econômica do México — que resultaria no Estudo sobre o México, como ele o chamava, escrito em 1956 e publicado em 1957<sup>4</sup> — e o segundo é aquele em que reside no país, a partir de 1955.

O projeto do Estudo começa por um paradoxo. Quem propôs a Celso a missão de dirigi-lo foi, naturalmente, Raúl Prebisch, então secretário executivo da Cepal. Mas foi justamente um episódio de insatisfação — talvez o primeiro — com a Cepal e com Prebisch que o motivou a aceitar a missão. Vejamos: em 1954 Celso publicou no Brasil seu primeiro livro de economia, *A economia brasileira*.<sup>5</sup> Surgiu então, conta ele, “uma campanha contra mim na sede central, em Nova York”.<sup>6</sup> O subdiretor da Cepal no Chile, Louis Swenson, escreveu-lhe a respeito, longamente, “em tom de explicação e advertência”, e logo em seguida a cúpula da Cepal fazia circular um conjunto de normas para regulamentar a publicação de trabalhos de seus funcionários. Para Celso, essas normas pareceram claramente restritivas, e revelaram, em seu entender, que novos ventos estavam soprando, em direção contrária aos que embalavam os primeiros tempos da recém-criada agência das Nações Unidas. Agora, os ventos iam no sentido da burocratização e do cerceamento do trabalho intelectual daqueles seus funcioná-

1. Jornalista, tradutora.

2. Texto apresentado no colóquio “Relectura del estructuralismo latinoamericano”, comemorativo dos 65 anos da Cepal no México. Cidade do México, 3 de outubro de 2016.

3. FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica*. Celso Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

4. “El desequilibrio externo en el desarrollo económico latinoamericano: el caso de Mexico”, Cepal, 1 de abril de 1957, E/CN.12/428 e E/CN.12/428/ADD. vol. 1, 2. <<http://repositorio.cepal.org/handle/11362/14439>>.

5. FURTADO, Celso. *A economia brasileira: contribuição à análise do seu desenvolvimento*. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

6. Todas as citações deste texto, salvo observação em contrário, são tiradas da *Obra autobiográfica*, op. cit.

rios que almejassem voo próprio. Celso escreveu uma carta a Prebisch. Nela expressava, pela primeira vez desde que se juntara aos quadros da Cepal em 1949, o desejo de se afastar, de “tirar uma licença, sem vencimentos, por um ano, para estagiar em universidade”. Mas foi exatamente por já ter aceitado a direção do estudo sobre o México, que ele protelou a decisão do afastamento, considerando que a tarefa lhe “daria tempo para planejar uma retirada mais ordenada”. Simultaneamente, seu colega Juan Noyola, que também recebera o convite de uma universidade, modificou os planos e aceitou colaborar com Celso no estudo mexicano, o qual os ocuparia durante todo o ano de 1956.

Celso partiu para o México em outubro de 1955. A Cidade do México seria o ponto final de uma longa viagem pelos Estados Unidos e pelo próprio território mexicano, de automóvel. Conta ele suas primeiras impressões:

O México era como uma viagem fantástica num mundo de muitas dimensões. Por mais que me esforçasse, não tomava pé na fabulosa herança cultural desse país. Em cada região, descobria coisas novas, sendo as populações muito mais diversificadas do que em geral se supõe. A riqueza da civilização colonial mexicana também me causava perplexidade. As residências dos grandes senhores superavam em riqueza o que na época possuía de melhor a metrópole espanhola. Contrastava com a modéstia do que produzira como residências a nossa civilização do açúcar, e mesmo o nosso século XVIII mineiro.

Uma vez instalado, dedicou-se ao projeto. A pequena equipe que dirigia era formada por quatro economistas: ele mesmo, os mexicanos Juan Noyola e Oscar Soberón, e o caçula do grupo, o chileno Osvaldo Sunkel, que acabara de ingressar na Cepal. Soberón, conta Celso, tinha bons contatos com a administração mexicana e os advertia a todo instante sobre a natureza do terreno em que pisavam. Reuniam-se frequentemente para confrontar as ideias. Tudo indica que o clima de cooperação foi muito produtivo. Relembra Celso: “Poucas vezes terei visto um grupo de pesquisadores afinarem tão bem no estudo de um problema. Qualquer ideia nova que um avançava, os demais se empenhavam de imediato em aprofundar”. Noyola e Sunkel, em seu entender, completavam-se: “Noyola saía sempre na frente, mas Sunkel sabia alcançá-lo, e, se necessário, ir ainda mais longe”.

Em pouco tempo perceberam a insuficiência das estatísticas do país.<sup>7</sup> Nas suas memórias, Celso conjectura sobre o que estaria por trás desse empecilho:

Se as autoridades locais faziam tanto mistério com certos dados, era, em boa parte, para ocultar a insuficiência dos mesmos. Não havia cálculo da renda nacional a partir do fluxo de pagamento a fatores, e as estimativas de produto real não tinham caráter oficial: os dados publicados pelo Banco do México e pela Nacional Financiera nem sempre eram concordantes.

Sua impressão era de que a economia mexicana “é muito mais controlada do que aparenta o discurso oficial”. Noyola, por sua vez, já tinha insistido em que o crescimento da economia mexicana se fazia com persistente concentração de renda. Justamente, essas observações de Noyola teriam sido uma das motivações do estudo. Celso conta que “o projeto de elaborar um estudo sobre a economia mexicana era antigo na Cepal.” Os economistas designados para fazê-lo já imaginavam que não seria fácil realizá-lo, não só pela desconfiança natural que encontraram de início, como pela incompletude das informações. Decidiram, então, que se concentrariam na tendência ao desequilíbrio externo da economia mexicana. Pois se conseguissem entender a experiência passada, poderiam “tentar utilizar a técnica de projeções para detectar os fatores potencialmente desequilibradores num futuro previsível.”

Deixo a análise do Estudo propriamente dito para os economistas e os historiadores da Cepal.

O que nele me interessou, a partir da leitura das memórias de Celso e de sua correspondência, foi o destino reservado ao Estudo. Diz Celso que a visão de conjunto de todos os problemas foi edulcorada no texto que prepararam, e que ainda assim encontraram grandes resistências por parte de Prebisch, “que temia se pudesse dele deduzir um apelo a maior intervencionismo.” Ele continua: “Dávamos por evidente que o desenvolvimento mexicano se estava realizando com excessivo custo social (forte concentração de renda), o qual poderia ser reduzido se as modificações estruturais fossem antecipadas”.

---

7. O mesmo problema se colocaria para Celso um ano depois, em 1957, quando ele chefiou um estudo econômico sobre a Venezuela. Cf. “Um olhar pioneiro” de Rosa Freire d'Aguiar, em D'AGUIAR, R. F. (Org.) *Ensaio sobre a Venezuela: Subdesenvolvimento com abundância de divisas*. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado/Ed. Contraponto, 2008.

Nada disso, porém, devia ser dito com clareza, pois feriria susceptibilidades. E aqui Celso faz uma instigante reflexão sobre os técnicos que trabalham em organismos internacionais e multilaterais como as Nações Unidas. A seu ver, eles enfrentam um problema típico da estrutura dessas agências, que pode ter consequências negativas. É que “a liberdade de pensamento [do que escrevem] era tolerada se os problemas abordados fossem abstratos: relação de trocas, excedente estrutural de mão de obra, tendência ao desequilíbrio externo e coisas tais.” Contudo, se tocassem em aspectos mais concretos, e desvantajosos para os casos estudados, ninguém se apresentava para assumir as recomendações ou diagnósticos elaborados pelos técnicos internacionais.

No caso dos quatro economistas que levaram adiante o Estudo sobre o México, tratava-se de uma assessoria independente dos governos, mas comprometida com a causa do desenvolvimento. Noyola e Celso trocaram ideias sobre a ambiguidade de sua posição. Diz este:

Meu ponto de vista era que, mesmo não utilizados, nossos trabalhos constituíam uma contribuição valiosa para ampliar o debate e ajudar a tomada de consciência de certos problemas. O que importava era que não nos submetêssemos às pressões dos governos, ou que a elas resistíssemos o mais possível. Noyola, que vivia o problema também como mexicano, era mais pessimista.

Tudo indica, pela correspondência de Celso, que houve, sim, pressões da administração mexicana para não se publicar o Estudo: “Tivemos de redigir várias vezes as mesmas coisas, para polir todas as arestas” — escreve ele. Durante a preparação do trabalho, Prebisch teria se posto em uma posição defensiva. E a razão principal de não dar publicidade ao Estudo seria a “conhecida intolerância de personalidades ligadas ao governo mexicano diante de ‘intromissões externas.’” Lembra Celso que Noyola percebia isso com clareza e mostrava-se acabrunhado: “Com frequência transparecia a sua insatisfação com a evolução política de seu país. Mais especialmente, preocupava-o a dependência de toda a *intelligentsia* com o poder político, em rápida burocratização. A isso atribuía o clima de hipocrisia e o hábito generalizado de usar dois discursos”.

De Santiago também chegavam ecos sobre a preparação do Estudo:

*Me parece muy bien tu programa sobre la oficina de México, y comprendo las dificultades que han debido tener para seguir adelante. Sin embargo, estoy seguro de que ustedes lograrán lo que antes no ha logrado nadie. (a Juan y a Osvaldo muchos abrazos, y lo mismo a Víctor y demás compañeros de la oficina.)*<sup>8</sup>

O texto final do trabalho foi mimeografado para apresentação na conferência de La Paz, realizada em maio de 1957, mas não foi publicado em sua forma definitiva, “constituindo hoje uma raridade para colecionadores de obras da Cepal.”<sup>9</sup>

Em carta de julho de 1957, Noyola escreve:<sup>10</sup>

*El estudio de México continua siendo objeto de comentarios puramente impresionistas. Parece que como tú dices va a tardar en ser digerido, pero para ello es preciso que sea leído en su totalidad. Creo que muy pocos lo han hecho y que casi todo mundo sigue opinando de oídas. Es muy curioso, sin embargo, observar que nadie se atreve a objetarlo, y que incluso en los sectores en que creíamos que caería mal la reacción há sido aparentemente muy favorable y hasta entusiasta.*

Independentemente do destino do Estudo, Víctor Urquidi, que dirigia a subseção da Cepal no México, empenhava-se em conseguir sua publicação. Ao tentar captar o essencial do que diziam os autores do Estudo, convenceu-se da importância dele. E do fato de que, finalmente, alguém se atrevia a abordar pontos sensíveis.

De fato, em uma carta a Celso, quando este já estava na Venezuela, onde faria outro estudo, Urquidi lhe escreve:

*Ayer tuvimos una conversación con Haralz y DeVries, del Banco Internacional, acerca de nuestro estudio sobre México. Les ha interesado mucho e hicieron algunas observaciones, particularmente relativas al modelo, que tienen a Juan muy pensativo. La impresión que ha*

8. Carta de José Antonio Mayobre a Celso Furtado, Santiago, 23/7/1956. Arquivo pessoal.

9. Este comentário de Celso data de 1985, quando escreveu *A fantasia organizada*, op. cit. Hoje o documento está, na versão mimeografada, disponível no Repositorio Digital de la Cepal, cit.

10. Carta de Juan Noyola a Celso Furtado, julho de 1957. Arquivo pessoal.

*causado el estudio en México sigue siendo muy buena y entiendo que le ha sido muy útil a la Comisión de Inversiones. La demanda, tanto de funcionarios como de empresas particulares, es superior a nuestra oferta y esperamos en unos días más tener listos 250 ejemplares mimeografiados. En el Banco de México están estudiando el informe. En el Fondo Monetario han hecho también un resumen, el cual te envío anexo.<sup>11</sup>*

No ano seguinte, quando Celso já estava em Cambridge, a convite de Nicholas Kaldor, Urquidi torna a lhe escrever:

*En la Sociedad Mexicana de Economía tuvimos tres sesiones para discutir el estudio sobre Mexico. Aun muchas de las personas que muestran simpatía hacia al estudio no aciertan a comprender su verdadero significado y hemos perdido mucho tiempo en discusiones marginales sobre todo acerca del cálculo de la sobre o subvaluación. Pero de todos modos fueran discusiones útiles e han servido para imponer mayor respeto por el trabajo serio que hemos realizado. Prebisch aún no me contesta sobre mi petición de que se imprima inmediatamente el estudio e que se incluya la introducción general que tu redactaste, que realmente es necesaria para situar correctamente dicho trabajo. Respecto a la situación aquí en México, creo que se salva simplemente con un prólogo especial aclarando que el estudio no tiene ninguna implicación de recomendaciones al gobierno, ni mucho menos que su publicación impresa implica aprobación o juicio alguno de parte del gobierno. Simplemente se considera como una aportación útil al estudio de los problemas del país.<sup>12</sup>*

O que ressalta das memórias de Celso e das cartas trocadas com seus colegas daquela primeira geração de cepalinos é que, para ele, o ano de 1956, passado praticamente todo no México, foi de intenso trabalho, mas também trouxe uma dose de frustração com o destino do Estudo que dirigiu.

Curiosamente, esse cenário se repetiria de modo parcial no ano seguinte. Em início de 1957 Celso se mudaria para Caracas, com a responsabilidade de elaborar um estudo sobre a economia venezuelana. A divulgação posterior desse estudo não foi muito diferente daquela reservada ao trabalho sobre o México. Em 1957 a Venezuela vivia os estertores da ditadura militar de Pérez Giménez, o qual também não via com bons olhos, para dizer o mínimo, quem desejasse observar de perto a economia de seu

11. Carta de Víctor Urquidi a Celso Furtado, México, 24/7/1957. Arquivo pessoal.

12. Carta de Víctor Urquidi a Celso Furtado, México, 10/3/1958. Arquivo pessoal.

país e seus problemas. Conta Celso em suas memórias que não demandava muita argúcia perceber que “por trás das grandes obras de infraestrutura corria o dinheiro da corrupção que nutria os sustentáculos da ditadura.”

O estudo, tal como o do México feito em 1956, era essencialmente técnico. Em agosto de 1957 Celso retornou a Santiago com o trabalho venezuelano finalizado. No mês seguinte, foi para o Rio de Janeiro fazer uma série de conferências e, em outubro, partiu para Cambridge, onde passaria um ano no King’s College em projetos de pesquisa e escreveria seu livro *Formação econômica do Brasil*. Enquanto isso, nem o governo venezuelano nem a Cepal divulgaram, e sequer utilizaram em seus cursos, o estudo sob a direção de Celso. Pois ele teria abordado certos tópicos que desagradaram às autoridades ver tratados no trabalho — como os elevados salários pagos no país, a sobrevalorização da taxa de câmbio, a afirmação de que o desenvolvimento da Venezuela fora desarmônico, ou o elenco dos fatores que acentuaram a desigualdade na distribuição da renda.<sup>13</sup>

O fato é que às vésperas do Natal de 1957, em Cambridge, Celso recebeu uma carta de Mayobre que punha, enfim, os pingos nos is: “As pessoas que chegam [da Venezuela] [...] querem que não se publique o estudo”.<sup>14</sup> O trabalho seria, portanto, rotulado de *não existente*. No ano seguinte, com a queda da ditadura de Pérez Giménez, o *fantasma* circulou amplamente. Uma cópia terminou indo parar no Banco Central da Venezuela. Mas até o ano 2000, quando estivemos pela última vez em Santiago, para inauguração da exposição “Celso Furtado: vocação América Latina” e da Sala Raúl Prebisch, não figurava na Biblioteca da Cepal.

Com o tempo, os dois estudos perderam a condição de fantasmas. O da Venezuela, publiquei-o no Brasil, a partir do original manuscrito de Celso, que encontrei em nosso apartamento no Alto da Boa Vista depois do falecimento dele, em 2004.<sup>15</sup> O segundo, hoje se inclui, em versão mimeografada, no Repositório Digital da Cepal. E, graças a esta iniciativa de Hugo Beteta, diretor da sede da Cepal no México, e do professor Arturo Guillén, está sendo aqui amplamente comentado.

13. Cf. *Ensaio sobre a Venezuela*, op. cit.

14. Carta de José Antonio Mayobre a Celso Furtado, 23/12/1957. Cf. “Um olhar pioneiro”, cit.

15. *Ensaio sobre a Venezuela*. Op. cit.